

PAPA FRANCISCO

**COMUNICAÇÃO A SERVIÇO
DE UMA AUTÊNTICA CULTURA DO ENCONTRO**

Mensagem para o 48º Dia Mundial
das Comunicações Sociais



© Copyright 2014 – Libreria Editrice Vaticana

Foto da capa: *Felipe Rodrigues*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Impressão e acabamento: PAULUS

PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627
Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

4º ENCONTRO NACIONAL DA PASTORAL DA COMUNICAÇÃO

2º SEMINÁRIO NACIONAL DE JOVENS COMUNICADORES

De 24 a 27 de julho de 2014, em Aparecida, SP

Tema: **Comunicação, desafios e possibilidades
para evangelizar na era da cultura digital**

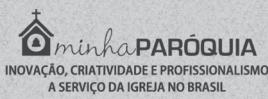


INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
www.cnbb.org.br

REALIZAÇÃO



APOIO





APRESENTAÇÃO

“Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro” foi o tema da mensagem do Papa Francisco, promulgada dia 23 de janeiro de 2014, para o 48º Dia Mundial das Comunicações, a ser celebrado dia 1º de junho, festa da Ascensão do Senhor.

Em seu texto, o papa reconhece a importância dos processos, meios de comunicação e mídias sociais digitais que “podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana”. Nesse sentido, convoca a todos que tenham uma atenção especial às redes digitais no sentido de não serem usadas para o isolamento social.

O próprio mundo dos meios de comunicação não pode alienar-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico para a humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas.

Nos últimos anos, o tema recorrente das mensagens promulgadas para o Dia Mundial das Comunicações foi o da Internet e as novas formas de relacionamento nas redes sociais digitais. Em sua primeira mensagem para a ocasião, o papa Francisco deu continuidade à temática que vem sendo abordada quase cotidianamente, em seus discursos, a da cultura do encontro. E o verdadeiro poder da comunicação reside no contexto da “proximidade, do encontro”.

A comemoração desse dia foi instituída pelo Concílio Vaticano II, com o Decreto *Inter Mirifica*, em 1963. E como ocorre todos os anos, por ocasião da festa litúrgica de São Francisco de Sales, patrono dos jornalistas, o Santo Padre divulga uma mensagem ao mundo para ajudar na reflexão e na celebração do Dia Mundial das Comunicações, na festa da Ascensão do Senhor.

Para aprofundar o tema do Dia Mundial das Comunicações de 2014, a Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação está encaminhando a todas as dioceses e paróquias este livreto, que contém:

- Apresentação;
- A mensagem do Papa Francisco;
- Uma reflexão sobre o texto do Papa por Pe. Antonio Spadaro, sj, diretor da revista *Civiltà Católica*, que já escreveu vários livros sobre Internet e mídias sociais digitais, e ministra frequentes palestras e cursos sobre a WEB;
- Como celebrar e comemorar o Dia Mundial das Comunicações a partir de experiências realizadas na Igreja do Brasil;
- Todos os temas das mensagens anteriores para o Dia Mundial das Comunicações.

A Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB agradece às editoras Paulus e Paulinas, que, alternadamente e de forma gratuita, imprimem o livreto para o Dia Mundial das Comunicações, todos os anos, com tiragem de 15 mil exemplares.

Desejamos que esse dia seja comemorado e celebrado por todo o Povo de Deus, e que a Igreja no Brasil se comprometa, cada vez mais, a comunicar Cristo a todos os que estão imersos na cultura da comunicação gerada pelas tecnologias digitais.

Dom Dimas Lara Barbosa
Arcebispo de Campo Grande – MS
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação

Ir. Élide Maria Fogolari
Assessora de Comunicação da CNBB

Pe. Clóvis Andrade de Melo
Assessor de Comunicação da CNBB
RIIBRA

COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DE UMA AUTÊNTICA CULTURA DO ENCONTRO

Mensagem do Papa Francisco para o 48º DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje vivemos em um mundo que está se tornando cada vez menor, parecendo, por isso mesmo, que deveria ser mais fácil fazer-nos próximos uns dos outros. Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximos, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes. Todavia, dentro da humanidade, permanecem divisões, às vezes, muito acentuadas. Em âmbito global, vemos a distância escandalosa que existe entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. Frequentemente, basta passar pelas ruas de uma cidade para ver o contraste entre os que vivem nas calçadas e as luzes brilhantes das lojas. Estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona. O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas.

Neste mundo, os meios de comunicação podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que

impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna para todos. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os meios de comunicação podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente, a Internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isso é uma coisa boa, é um dom de Deus.

No entanto, existem aspectos problemáticos: a velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento, e não permite uma expressão equilibrada e correta de si mesma. A variedade das opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível também fechar-se numa esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias, ou mesmo a determinados interesses políticos e econômicos. O ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos. O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós. Sem esquecer de que a pessoa que, pelas mais diversas razões, não tem acesso aos meios de comunicação social corre o risco de ser excluída.

Esses limites são reais, mas não justificam uma rejeição dos *mass-media*; antes, recordam-nos que, em última análise,

a comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica. Portanto, haverá alguma coisa, no ambiente digital, que nos ajude a crescer em humanidade e na compreensão recíproca? Devemos, por exemplo, recuperar certo sentido de pausa e calma. Isso requer tempo e capacidade de fazer silêncio para escutar. Temos necessidade também de ser pacientes, se quisermos compreender aqueles que são diferentes de nós: uma pessoa expressa plenamente a si mesma não quando é simplesmente tolerada, mas quando sabe que é verdadeiramente acolhida. Se estivermos verdadeiramente desejosos de escutar os outros, então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições. Entretanto, saberemos apreciar melhor também os grandes valores inspirados pelo cristianismo, como, por exemplo, a visão do ser humano como pessoa, o matrimônio e a família, a distinção entre esfera religiosa e esfera política, os princípios de solidariedade e subsidiariedade, entre outros.

Então, como pode a comunicação estar a serviço de uma autêntica cultura do encontro? E – para nós, discípulos do Senhor – que significa, segundo o Evangelho, encontrar uma pessoa? Como é possível, apesar de todas as nossas limitações e pecados, ser verdadeiramente próximos aos outros? Essas perguntas resumem-se naquela que, um dia, um escriba – isto é, um comunicador – fez a Jesus: “E quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). Essa pergunta ajuda-nos a compreender a comunicação em termos de proximidade. Poderíamos traduzi-la assim: como se manifesta a “proximidade” no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais? Encontro resposta na parábola do bom samaritano, que é também

uma parábola do comunicador. Na realidade, quem comunica faz-se próximo. E o bom samaritano não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro. Por isso, comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus. Gosto de definir esse poder da comunicação como “proximidade”.

Quando a comunicação tem como objetivo predominante induzir ao consumo ou à manipulação das pessoas, encontramo-nos perante uma agressão violenta como a que sofreu o homem espancado pelos assaltantes e abandonado na estrada, como lemos na parábola. Naquele homem, o levita e o sacerdote não veem seu próximo, mas um estranho de quem é melhor manter distância.

Naquele tempo, eram condicionados pelas regras da pureza ritual. Hoje, corremos o risco de que alguns meios nos condicionem até o ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real.

Não basta circular pelas “estradas” digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos meios de comunicação não pode estar alheio à solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de cabos, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos meios de comunicação é só aparente: só pode constituir um ponto

de referência quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da confiabilidade de um comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais.

Tenho-o repetido já diversas vezes: entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de autorreferencialidade, sem dúvida prefiro a primeira. E quando falo de estrada, penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efetiva e afetivamente, alcançar. Entre essas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança. Também graças à rede, a mensagem cristã pode viajar “até os confins do mundo” (At 1,8). Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos. Seremos nós capazes de comunicar o rosto de uma Igreja assim? A comunicação contribui para dar forma à vocação missionária de toda a Igreja, e as redes sociais são, hoje, um dos lugares onde viver essa vocação de redescobrir a beleza da fé, a beleza do encontro com Cristo. Inclusive no contexto da comunicação, é preciso uma Igreja que consiga levar calor, inflamar o coração.

O testemunho cristão não se faz com o bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar aos outros “através da disponibilidade para se deixar envolver, pacientemente e com respeito, nas suas questões e nas suas dúvidas, no caminho de busca da verdade e do sentido da existência

humana” (BENTO XVI, Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2013). Pensemos no episódio dos discípulos de Emaús. É preciso saber se inserir no diálogo com os homens e mulheres de hoje, para compreender os seus anseios, dúvidas, esperanças, e oferecer-lhes o Evangelho, isto é, Jesus Cristo, Deus feito homem, que morreu e ressuscitou para nos libertar do pecado e da morte. O desafio requer profundidade, atenção à vida, sensibilidade espiritual. Dialogar significa estar convencido de que o outro tem algo de bom para dizer, dar espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas. Dialogar não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que sejam únicas e absolutas.

Que a imagem do bom samaritano enfaixando as feridas do homem espancado, pondo nelas azeite e vinho, nos sirva como guia. A nossa comunicação seja azeite perfumado para a dor e vinho bom para a alegria. A nossa luminosidade não provenha de truques ou efeitos especiais, mas de nos fazermos próximos, com amor, com ternura, por quem encontramos ferido pelo caminho. Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital. É importante a atenção e a presença da Igreja no mundo da comunicação, para dialogar com o ser humano de hoje e levá-lo ao encontro com Cristo: uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos. Nesse contexto, a revolução nos meios de comunicação e de informação é um grande e apaixonante desafio, que requer energias renovadas e imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus.

Vaticano, 24 de Janeiro – Memória de São Francisco de Sales – do ano 2014.

FRANCISCO

COMENTÁRIO¹

Pe. Antonio Spadaro

Pe. Antonio Spadaro pertence à Companhia dos Jesuítas. Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, mestre em Comunicação Social, professor na Universidade Gregoriana de Roma, diretor da revista *Civiltà Cattolica*, escritor e conferencista internacional. Já esteve várias vezes no Brasil ministrando palestras sobre Internet.

O papa Francisco é homem de grande capacidade comunicativa. Aliás, mais que comunicar, ele cria “eventos comunicativos”: quem recebe a mensagem dele nunca fica puramente passivo; ao contrário, participa ativamente da sua comunicação. Sua mensagem é tão simples que toca o coração de todos, sem precisar de explicações complexas. O seu contato físico com as pessoas, as cartas que escreve, os telefonemas... tudo são coisas que exprimem o seu desejo de anunciar sem limites o Evangelho, sem barreiras. No entanto, com essa maneira ele questiona o nosso modo de comunicar. E comunicar, o que significa para nós neste nosso mundo? A primeira mensagem de Francisco para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais afirma alguns pontos centrais do seu modo de viver e compreender a habilidade que o homem tem para comunicar de maneira autêntica. Não só: exprime profunda maturação da consciência da Igreja sobre as questões que se referem à comunicação neste nosso tempo de redes digitais.

¹ Tradução do italiano feita por Pe. José Dias Goulart, ssp.

Aqui seguem quatro pontos sobre os quais é possível certa pausa, a fim de aprofundar as palavras do papa.

1. A rede exprime a profecia de um mundo novo

O papa Francisco encaminha seu discurso com uma espécie de contemplação do mundo em que vivemos. Como vivemos? Como? Antes de qualquer pergunta nossa sobre a comunicação, devemos compreender onde vivemos, qual é o contexto em que comunicamos e como o fazemos. Qual é a experiência de comunicação que vivemos a cada dia? Como vive o mundo hoje, neste tempo em que as redes comunicativas envolvem o globo? Antes de ler a mensagem dele, cada um de nós deveria fazer essas perguntas, para descobrir que “o panorama comunicativo se tornou, pouco a pouco, um “ambiente de vida” para muitos, como o papa afirmou em setembro último, na reunião plenária do Pontifício Conselho das Comunicações.

O mundo vai se tornando sempre menor, e nós estamos sempre mais perto uns dos outros. Meus amigos das “redes sociais”, para além do fato de viverem no Brasil ou na Itália, na Índia ou na Austrália, estão sempre na distância de um simples clique: basta muito pouco para obter fotos e notícias de pessoas a quem estou ligado. Todos estamos mais conectados e interdependentes. Todavia, eis a pergunta: basta multiplicar as conexões para desenvolver a compreensão recíproca entre as pessoas e as relações autênticas? Em sua homilia na solenidade de Pentecostes, em 2012, o papa Bento XVI colocou uma pergunta importante e de alto empenho, que produz aqui o seu eco:

“É claro que temos multiplicado as possibilidades de comunicar, de receber informações, de transmitir notícias. Mas podemos realmente dizer que cresceu a capacidade de nos compreender, ou talvez, paradoxalmente, nos compreendemos cada vez menos?”

O papa Francisco responde que não. Não basta essa comunicação global para superar as divisões. Ao contrário. O mundo, hoje unido pelas redes, vive o paradoxo de estar dividido. Mas estamos divididos em nossas cidades também. Com frequência, junto às vitrines ofuscantes de pontos comerciais, há tantos pobres pedindo esmola, barbados, gente em dificuldades.

Eis o que realmente interessa ao papa Francisco: **a cultura da comunicação não pode conviver com a cultura do descartável, porque comunicar significa hoje, essencialmente, não a simples transmissão da mensagem, mas o fato de “condividi-la”**. As redes que nos unem e conectam devem impulsionar-nos à visão de um mundo bem diverso daquele que temos à nossa frente, tão cheio de divisões. Em certo sentido, a rede é a profecia de um mundo novo, também porque capaz de oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos.

2. Internet é rede de pessoas, não de fios, e por isso é dom de Deus

Os desafios, porém, são grandes. O progresso nos levou a receber mais informações do que podemos elaborar e julgar; os interesses econômicos são enormes; muitas pessoas estão excluídas de conexões e de tecnologias melhores. Entretanto, os

desafios precisam ser enfrentados, e não nos devem bloquear. O mundo há de ser compreendido e orientado. No seu discurso, o papa Francisco é de um realismo aberto à esperança de um mundo melhor. E isso porque a rede é uma conquista mais humana que tecnológica. A rede não é feita de tubos, fios, cabos, computadores: “a rede digital pode ser lugar rico de humanidade; não rede de fios, mas de pessoas humanas”. A nossa vida é por si uma rede, mesmo sem os computadores, *tablets* e *smartphones*. No entanto, essas tecnologias da comunicação podem potenciar e ajudar a vivermos como rede a nossa experiência de vida. Portanto, se não ajudam a nos acolhermos melhor uns aos outros, se não nos ajudam a crescer em humanidade e na compreensão recíproca, esses meios não respondem à sua própria vocação. Porque, se a comunicação não nos torna mais “próximos” uns dos outros, se não nos faz viver a proximidade, então ela não responde à sua vocação humana e cristã.

Bento XVI, já em 2009, tinha escrito que o desejo de comunicar “precisa ser lido como reflexo da nossa participação no amor comunicativo e unificador de Deus, que quer fazer da humanidade toda uma única família”. Porque Deus é “o Deus da comunicação”. O papa Francisco agora aplica essa ideia à rede e escreve claramente: “A Internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos, e isso é algo muito bom, é um dom de Deus”. O papa parece colher na rede o sinal de um dom e de uma vocação da humanidade a ser unida. Aqui sentimos que estamos vivendo a sensibilidade do Concílio Vaticano II, o qual falava das “maravilhosas invenções técnicas” (*Inter mirifica 1*). Sentimos também

“o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de vivermos unidos, de nos misturarmos, de nos encontrarmos, de andarmos de braços dados, de nos apoiarmos, de participarmos dessa maré um tanto caótica, mas que pode transformar-se em verdadeira experiência de fraternidade, em caravana solidária, em santa peregrinação” (*Evangelii gaudium* 87).

A alternativa seria simplesmente a de nos afogar em meio a um mar de palavras, imagens e sons.

3. O comunicador é um “bom samaritano”

Dado que se trata de uma rede de pessoas, todas as perguntas sobre Internet e sobre a comunicação em geral se reduzem à única interrogação evangélica: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). O papa Francisco, em 2002, então arcebispo de Buenos Aires, falando aos comunicadores, tinha escolhido a parábola do bom samaritano como imagem de referência do comunicador. Como este ser próximo se manifesta no ambiente novo criado pelas tecnologias digitais? O conceito de comunicação de que fala o papa tem seu eixo não sobre a mensagem e muito menos sobre as técnicas, e sim sobre as pessoas que comunicam. Assim, está falando que comunicar não significa simplesmente transmitir a simples mensagem, mas condivider-la no interior das redes de relação, de proximidade. Comunicar, pois, significa con dividir, envolver, testemunhar o que se comunica, assumindo quem está ao lado. Significa tocar a outra pessoa, estar consciente desse contato. Comunicar significa, em definitivo e de modo geral, tomar consciência de que somos humanos e filhos de Deus.

Por outro lado, é verdade que hoje a comunicação tende para a manipulação e o consumismo, agride como os bandidos que reduziram ao fim da vida o homem depois socorrido pelo bom samaritano. Tal é a sensação que temos quando nos sentimos bombardeados por rajadas de imagens sedutoras ou desencorajadoras. Sentir-se tomados frontalmente, invadidos, impotentes de fazer algo positivo, é como ser agredidos de maneira brutal ou sequestrados. Enfim, poderia ser bem atual a imagem do homem ferido pelos assaltantes e abandonado às margens da estrada, como lemos na parábola do bom samaritano. Hoje, o bom samaritano passa não somente pelas estradas de cidades e povoados, mas também pelas “estradas digitais”. O comunicador cristão é, portanto, convidado a ir em socorro, a comunicar aproximação e presença: “Não podemos viver a sós, fechados em nós mesmos. Precisamos amar e ser amados. Temos necessidade de ternura”. E sem dúvida não são as técnicas e estratégias comunicativas em si que irão garantir a beleza, a bondade e a verdade da comunicação.

No seu discurso à reunião plenária do Pontifício Conselho dos Leigos em dezembro passado, o papa já havia dito que estar no ambiente digital significa “encontrar mulheres e homens reais, com frequência feridos ou perdidos, para lhes oferecer verdadeiras razões de esperança”. Portanto, a rede pode ser também entendida como peculiar “periferia existencial”, repleta de humanidade, que busca alguma salvação ou esperança. O poder da comunicação é o da “proximidade”. E, obviamente, é possível aproximar-se bem, ou aproximar-se mal. Nesse cruzamento de relações interpessoais, o pecado da comunicação é a rejeição do “tornar-se próximo”. Na parábola do bom sa-

maritano, o levita e o sacerdote não viram a realidade de um próximo seu, mas a pseudorrealidade de um estranho, do qual era melhor manter distância. Hoje, por exemplo, ao comunicar, nos arriscamos a ignorar o nosso próximo, se nosso intento é servir a interesses e ideologias.

4. O modelo do púlpito já está superado: a comunicação da Igreja acompanha o caminho do homem

Portanto, se perguntássemos, em definitivo, porque a Igreja e os cristãos devem estar presentes no ambiente digital, a resposta seria simples: porque a Igreja é chamada a estar onde estão as pessoas. E hoje as pessoas vivem também no ambiente digital. A comunidade eclesial não pode, pois, afastar-se, exatamente devido à sua vocação missionária fundamental. Se o papa fala com frequência de uma Igreja de portas abertas, na sua mensagem para a Jornada Mundial das Comunicações afirma claramente que abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital. Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos. Eis então uma nova pergunta do papa: “Somos nós capazes de comunicar o rosto de uma Igreja assim?”. A Igreja consegue comunicar calor, incendiando os corações? A Igreja samaritana deve despertar no coração a pergunta, que não é possível sufocar, sobre o sentido da existência. O papa Francisco tinha dito na reunião plenária do Pontifício Conselho dos Leigos que a Internet,

“realidade difusa, complexa e em evolução contínua, tornou-se para muitos, especialmente jovens, ‘uma espécie de ambiente de vida’, no qual a Igreja deve estar presente, ‘para despertar no coração a pergunta, que não é possível sufocar, sobre o sentido da existência’”.

A Igreja deve ser o lugar onde todas as perguntas são acolhidas, e onde, sob a luz do Evangelho, se encoraje precisamente a busca pessoal, que não se interrompe com muros e barreiras, os quais afinal são destinados a desmoronar: “É preciso por isso que cada um saiba inserir-se no diálogo com os homens e as mulheres de hoje, a fim de lhes compreender as expectativas, as dúvidas, as esperanças”.

Encontrando-se com o episcopado brasileiro no Rio de Janeiro, o papa disse que o episódio dos discípulos de Emaús é modelo para uma Igreja que sabe inserir-se na conversação dos homens, que sabe dialogar, que esteja “em grau de fazer companhia, de ir bem à frente da simples escuta”. O modelo do púlpito agora já não é suficiente. É também o modelo de um diálogo que serve apenas para fazer que vençam as próprias ideias, que, aliás, nem sempre são boas. Tudo isso seria mero “disfarce”. A nossa comunicação, ao invés, deve ser o óleo perfumado que alivia a dor e o vinho bom que nos deixa alegres. O bom samaritano é quem nos ensina.

Eis aqui, pois, o apelo final aos comunicadores cristãos: “Não tenham medo de se tornar cidadãos do ambiente digital”. E ao serem cidadãos, a relação significa diálogo aberto: a verdade não se põe na defensiva, mas torna possível o testemunho e o diálogo. Os desafios que temos à frente requerem, pois, “energias renovadas e imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus”.

COMO CELEBRAR O DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES

Com o tema “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”, o papa Francisco convida a todos para celebrar o Dia Mundial das Comunicações Sociais de forma criativa, convocando para a reflexão, celebração e oração.

Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros (DMC 2014, papa Francisco).

É nesse contexto que a Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB propõe algumas iniciativas para que a Igreja no Brasil possa celebrar o Dia Mundial das Comunicações envolvendo a todos nesta esteira da vida da “comunicação, como ato social e vital, que nasce com o próprio homem” (Puebla, n. 1064).

Sugestões para celebrações da Eucaristia e/ou da Palavra:

1. Convidar os profissionais da Comunicação para participar da Celebração Eucarística, a qual seja preparada com cantos, preces e motivações sobre comunicação. Na hora do

ofertório, levar os instrumentos de comunicação, produções locais e símbolos que despertem a fraternidade provocada pelos meios e processos de comunicação.

2. Intenções iniciais para a celebração que expressem o sentimento da diocese, paróquia e comunidade com relação às iniciativas de evangelização, de justiça e de informação solidária pelos meios de comunicação social.
3. Fazer memória do processo da comunicação local no momento da recordação da vida (após a saudação inicial do celebrante).
4. No momento das preces dos fiéis, trazer algumas intenções específicas à comunicação ou outras sugestões como: 1. Preces cantadas; 2. Cantar apenas um refrão; 3. Apresentar cartazes com a palavra mais importante contida na prece; 4. Cantar as preces na forma de ladinha.
5. Em 2008, durante o encontro nacional da Pastoral da Comunicação em Aparecida, SP, a Pascom da Igreja no Brasil foi colocada sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida. Sendo ela padroeira da Pascom, pode-se entronizar a imagem de Nossa Senhora antes da procissão de entrada, ou após a saudação inicial do presidente da celebração, e renovar essa entrega.
6. Realizar um dia de retiro para profissionais e agentes da Pascom, refletindo o tema: “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”.
7. Convocar aqueles que trabalham com a comunicação para fazer a leitura orante da Palavra na ótica da comunicação.

Sugestões para as mídias sociais

1. Criar um pequeno banner do DMC 2014 e publicá-lo nos sites e blogs das dioceses e paróquias com link direcionando para a mensagem do papa no Dia Mundial das Comunicações no <www.vatican.va>.
2. Fazer uma grande movimentação nas redes sociais, principalmente no Facebook e Twitter, com pequenas reflexões e trechos mais importantes da mensagem do papa para o DMC.
3. Criar webcards temáticos com a atuação da comunicação da Igreja local e compartilhá-los no Facebook.
4. Aproveitar o aplicativo Instagram e outros similares para publicar fotos de realizações da Pascom na diocese e paróquia.
5. Criar grupos de reflexão sobre o DMC no Facebook com o tema focado na mensagem do papa.
6. Popularizar a hashtag #DMC2014 no twitter como forma de divulgar o Dia Mundial das Comunicações e provocar a reflexão e a vivência cristã.
7. Motivar os grupos de jovens para criar, produzir, alimentar e movimentar o site/blog e as mídias digitais da paróquia, criando mala direta de todos os paroquianos para comunicar os eventos, celebrações, homilias do pároco, entre outras iniciativas na rede.

Outras iniciativas para preparar e comemorar o DMC

1. Palestra aberta a quem quiser participar, para aprofundar o tema proposto pelo papa Francisco, “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”.
2. Palestras com o tema “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro” para os profissionais, professores e pesquisadores que pensam e trabalham a comunicação na Igreja e na sociedade.
3. Oficinas de comunicação na igreja contemplando as áreas de: jornal, rádio, teatro, mural, cartazes, *blogs*, *sites* e redes sociais.
4. Entrevistas no rádio, TV e impressos sobre o tema do Dia Mundial das Comunicações.
5. Café da manhã ou um dia de palestra, almoço e confraternização com profissionais, professores e pesquisadores da comunicação e agentes da Pascom para estreitar as relações entre Igreja e imprensa local.
6. Debate com representantes da Igreja, da imprensa e da academia para discutir sobre as relações entre Igreja Católica e imprensa;
7. Realizar concurso de fotografias a partir de um tema proposto com antecedência.
8. Criar prêmio para os melhores trabalhos de comunicação local que podem ser por categorias (exemplo: rádio, web, impresso, fotografia, pastoral).
9. Confeccionar selo de comunicação com assinatura do bispo local.

MOTIVAÇÃO PARA A CELEBRARAÇÃO DA EUCARISTIA

Comentrista – O tema escolhido pelo papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais fala do encontro: “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”. Ao longo do texto, o papa nos faz o convite para redescobrir, no âmbito pessoal e dos meios de comunicação social, a beleza da fé e do encontro com Cristo.

“No contexto do mundo de hoje, cada um de nós deve acolher o desafio de ser autêntico, testemunhando os valores nos quais acredita, a sua identidade cristã, a sua experiência cultural, expressa com uma nova linguagem, chegando, assim, à partilha.”

É nesse ambiente de reflexão e celebração sobre a comunicação que a Igreja se alegra e comemora os 100 anos de fundação da Família Paulina. Fundada pelo Bem-aventurado padre Tiago Alberione, é formada por cinco congregações, quatro institutos religiosos e uma associação, cooperadores paulinos. São 10 vozes para anunciar o Evangelho com a imagem e o som. Essas Instituições se nutrem da mesma espiritualidade, que é o objetivo principal do seu existir: Viver e Anunciar Jesus Cristo Mestre, Pastor, Caminho, Verdade e Vida.

Sugestões para as preces dos fiéis

1. Pelo papa e pelos bispos para que Deus os ilumine na condução da Igreja a anunciar a todos a Boa-Nova no contexto da cultura gerada pelas tecnologias.

2. Para que a comunicação não tenha como fim predominante induzir ao consumo ou à manipulação, mas promova o bem das pessoas, o respeito e a dignidade de todos.
3. Para que os comunicadores realizem seus trabalhos fundamentados nos valores humanos, éticos e cristãos, contribuindo para que a humanidade viva as propostas do Reino de Deus.
4. Para que a humanidade acolha os apelos do papa Francisco para a vivência de uma cultura do encontro, tendo como base as propostas do Evangelho, ajudando, ouvindo e acolhendo o próximo em suas necessidades de vida digna.
5. Para que aumente na Igreja o número de sacerdotes, consagrados e leigos que, mediante a comunicação, anunciem às pessoas a mensagem evangélica da salvação.
6. Para que os jornalistas, os profissionais da comunicação, os escritores e os técnicos se comprometam com a informação de fatos e acontecimentos menos violentos, menos mortes e mais vida, mais amor.
7. Para que as iniciativas de comunicação da Igreja promovam uma educação para a comunicação, a partir dos programas televisivos, nas famílias, com os jovens e todo o povo, para provocar uma consciência crítica diante da violência e do desrespeito à vida, veiculados pelos meios de comunicação.
8. Para que os meios de comunicação, em suas produções, se comprometam mais com a paz e deixem de divulgar a violência e o desrespeito à vida.
9. Para que a família continue anunciando, com a comunicação, Jesus Cristo Bom Pastor, Caminho, Verdade a todos os povos e nações.

10. Em ação de graças pela comemoração dos 100 anos de fundação da Família Paulina e por todo o bem que realizou em todo o mundo.

Oração de ação de graças pela comunicação

na intuição do Bem-aventurado Tiago Alberione

1. Louvado sejas, meu Senhor, pela imprensa. Ela é alimento da inteligência e luz para o Espírito.
2. Louvado sejas, meu Senhor, por todas as vezes que os livros, revistas e jornais aproximam as pessoas, diminuindo as barreiras do espaço e do tempo.
3. Louvado sejas, meu Senhor, por todas as vezes que as notícias e conhecimentos circulam por toda a terra, dando novas oportunidades para a divulgação do ensino para a luta contra a ignorância, para a promoção e libertação da pessoa humana.
4. Louvado sejas, meu Senhor, pelos CDs e mp3 players. Por meio deles, a música penetra e se grava no coração de quem ouve e de quem canta.
5. Louvado sejas, meu Senhor, por todas as vezes que os CDs se tornam uma extensão da tua voz e que a música nos fala o que as palavras não conseguem dizer.
6. Louvado sejas, meu Senhor, por todas as vezes que as gravações enriquecem o nosso ser, colocando-nos em contato com a realidade viva do mundo do Espírito e do mundo em que vivemos, dando oportunidade para as pessoas se tornarem mais conscientes, mais livres, mais participantes.

7. Louvado sejas, meu Senhor, pelo rádio, que caminha nas asas do vento e torna o mundo tão pequeno.
8. Louvado sejas, meu Senhor, por este amigo das pessoas solitárias, por este companheiro do nosso povo, do brasileiro que “não vive sem o rádio”.
9. Louvado sejas, meu Senhor, por todas as vezes que o rádio leva os benefícios de informar, ensinar, educar e divertir todas as camadas de nosso povo, promovendo, assim, maior igualdade entre os homens.
10. Louvado sejas, meu Senhor, pelo cinema, pela televisão, pelos audiovisuais, *sites*, *blogs* e mídias sociais e por todos os novos meios de comunicação que a inteligência humana continua a criar.
11. Louvado sejas, meu Senhor, por todas as vezes que esses meios de comunicação difundem os verdadeiros valores humanos e servem de descanso e lazer, libertando as pessoas do peso das preocupações cotidianas.
12. Louvado sejas, meu Senhor, por todas as vezes que os modernos meios de comunicação se colocam realmente a serviço da pessoa humana e fazem cada homem ser mais consciente, mais participante do drama, dos problemas e dificuldades de todos os homens, criando mais compreensão mútua e conduzindo ao crescimento de todos.

TODOS OS TEMAS JÁ PROMULGADOS PARA O DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES

O Dia Mundial das Comunicações foi instituído durante o Concílio Vaticano II e publicado no Decreto Conciliar *Inter Mirifica* (n.18).

Para reforçar o variado apostolado da Igreja por intermédio dos meios de comunicação social celebre-se anualmente, nas dioceses do mundo inteiro, um dia dedicado a ensinar aos fiéis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação, a se orar pela causa e a recolher fundos para as iniciativas da Igreja nesse setor, segundo as necessidades do mundo católico.

Há quarenta e sete anos, o Magistério da Igreja, através das mensagens dos papas Paulo VI, João Paulo II e, atualmente, Bento XVI, acompanham o desenvolvimento e as contínuas mudanças que ocorrem no âmbito da comunicação.

Seguem, abaixo, os temas para favorecer reflexão, estudo e oração.

- 1967 - Os meios de comunicação social
- 1968 - A imprensa, o rádio, a televisão e o cinema para o progresso dos povos
- 1969 - Comunicações sociais e a família
- 1970 - As comunicações sociais e a juventude
- 1971 - Os meios de comunicação social a serviço da unidade dos homens

- 1972 - As comunicações sociais a serviço da verdade
- 1973 - As comunicações sociais e a afirmação e promoção dos valores espirituais
- 1974 - As comunicações sociais e a evangelização no mundo contemporâneo
- 1975 - Comunicação social e reconciliação
- 1976 - As comunicações sociais diante dos direitos e deveres fundamentais do homem
- 1977 - A publicidade nas comunicações sociais: vantagens, perigos, responsabilidades
- 1978 - O receptor da comunicação social: expectativas, direitos e deveres
- 1979 - As comunicações sociais para a defesa e o desenvolvimento da infância na família e na sociedade
- 1980 - Papel das comunicações sociais e deveres da família
- 1981 - As comunicações sociais a serviço da liberdade responsável do homem
- 1982 - As comunicações sociais e os problemas dos idosos
- 1983 - Comunicações sociais e promoção da paz
- 1984 - As comunicações sociais, instrumento de encontro entre fé e cultura
- 1985 - As comunicações sociais e a promoção cristã da juventude
- 1986 - Comunicações sociais e formação cristã da opinião pública
- 1987 - Comunicações sociais e promoção da justiça e da paz
- 1988 - Comunicações sociais e a promoção da solidariedade e fraternidade entre os homens e os povos
- 1989 - A religião nos *mass-media*
- 1990 - A mensagem cristã na cultura informática atual

- 1991 - Os meios de comunicação para a unidade e o progresso da família humana
- 1992 - A proclamação da mensagem de Cristo nos meios de comunicação
- 1993 - Videocassete e audiocassete na formação da cultura e da consciência
- 1994 - Televisão e família: critérios para saber ver
- 1995 - Cinema, veículo de cultura e proposta de valores
- 1996 - Os meios de comunicação: areópago moderno para a promoção da mulher na sociedade
- 1997 - Comunicar o Evangelho de Cristo: Caminho, Verdade e Vida
- 1998 - Sustentados pelo Espírito, comunicar a esperança
- 1999 - *Mass-media*: presença amiga ao lado de quem procura o Pai
- 2000 - Proclamar Cristo nos meios de comunicação social no alvorecer do novo milênio
- 2001 - Proclamai sobre os telhados: o Evangelho na era da comunicação global
- 2002 - Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho
- 2003 - Os meios de comunicação social a serviço da paz autêntica, à luz da *pacem in terris*
- 2004 - Os *mass-media* na família: um risco e uma riqueza
- 2005 - Os meios de comunicação: a serviço da compreensão entre os povos
- 2006 - As mídias: rede de comunicação, comunhão e participação
- 2007 - As crianças e os meios de comunicação social: um desafio para a educação

- 2008 - Os Meios: na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Procurar a verdade para partilhá-la
- 2009 - Novas tecnologias, novas relações
- 2010 - O padre e a pastoral no mundo digital. Novos meios de comunicação a serviço da Palavra
- 2011 - Verdade, anúncio e autenticidade na era digital
- 2012 - Silêncio e Palavra: caminho de evangelização
- 2013 - Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços para a evangelização
- 2014 - Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro